

Leituras de Sade: por uma ética do Terror

Lectures de Sade: pour une éthique de la Terreur

Isadora Saraiva Vianna de Resende Urbano¹

Resumo

O artigo a seguir propõe uma reflexão quanto à ética da literatura do Marquês de Sade, tomando como referência o material crítico deixado por autores como Maurice Blanchot, Georges Bataille, Simone de Beauvoir e Angela Carter, bem como algumas das mais relevantes obras literárias de Sade. O estudo levou ao entendimento de que os textos do escritor trabalham com a lógica de uma ética do Terror (o terrorismo relativo à Revolução Francesa), primando a liberdade acima da própria vida, liberdade pela qual qualquer sacrifício poderia ser feito. Concluiu-se que, a despeito das aparências superficiais, a literatura sadiana trabalha no sentido de explicitar a hipocrisia da sociedade pela qual foi condenada, de modo que se caracteriza, no limite, como uma escrita moralista, fundamentada na recusa absoluta do sistema de valores dominante.

Palavras-chave: Sade. Terror. Erotismo. Literatura francesa

Résumé

L'article suivant propose une réflexion sur l'éthique de la littérature du marquis de Sade, en prenant comme référence le matériel critique laissé par des auteurs tels que Maurice Blanchot, Georges Bataille, Simone de Beauvoir et Angela Carter, ainsi que certaines des œuvres littéraires les plus pertinentes de Sade. L'étude a conduit à comprendre que les textes de l'écrivain fonctionnent avec la logique d'une éthique de la Terreur (terrorisme lié à la Révolution française), donnant la priorité à la liberté sur la vie elle-même, liberté par laquelle tout sacrifice pourrait être fait. Il a été conclu que, malgré les apparences superficielles, la littérature sadienne travaille à expliquer l'hypocrisie de la société pour laquelle elle a été condamnée, de sorte qu'elle se caractérise, à la limite, comme une écriture moraliste, fondée sur le refus absolu du système de valeurs dominant.

Mots-clés: Sade. Terreur. Érotisme. Littérature français

Recebido em: 16/12/2020

Aceito em: 16/02/2021

¹ Bacharel em Letras: Estudos Literários pela UFMG. Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PosLit) da UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0420-8573>.

Que obra maçante essa de Sade, a ouvi-los, sim, entendendo-se às mil maravilhas, senhor juiz e senhor acadêmico, mas sempre suficiente para fazer [...] com que se perturbem. É que uma fantasia, com efeito, é bastante perturbadora, pois não se sabe onde situá-la, por ela estar ali, inteira, em sua natureza de fantasia que só tem realidade de discurso e que nada espera de seus poderes, mas que lhes pede, isto sim, que se ponham em dia com seus desejos. (JACQUES LACAN – *Escritos*)

Não é pela crueldade que se realiza o erotismo de Sade: é pela literatura. (SIMONE DE BEAUVOIR – *Deve-se queimar Sade?*)

O lugar que Sade ocupa no imaginário do lugar-comum contemporâneo dispensa apresentações: perverso, cruel, louco – o que se esperaria de um escritor que passou um terço de sua vida trancafiado nas prisões francesas. De fato, suas obras figuram entre as mais cruéis e ousadas jamais escritas, num tempo em que o próprio Rousseau alegava que qualquer jovem que lesse sequer uma das páginas de Sade estaria arruinada (BLANCHOT, 2004, p. 8).

A crítica mais contemporânea, contudo, já não partilha desse tipo de certeza: não foram poucos os que se dedicaram à análise da obra de Sade, reconhecendo seu destaque como um dos autores mais atentos e mordazes quanto às relações entre o amor e a violência, mas também entre o poder e a liberdade, exprimindo por meio da ficção as inconsistências e o cinismo daqueles que o julgaram e aprisionaram.

Neste trabalho, apresento alguns dos pontos fundamentais do pensamento de Sade, a partir da sobreposição de leituras feitas por Maurice Blanchot, Georges Bataille, Simone de Beauvoir, Jacques Lacan e Angela Carter, críticos que, ao longo do século XX, retornaram à sua obra e a leram sob novas luzes, à vista das teorias da negatividade, do feminismo e da psicanálise, como veremos a seguir.

Tratemos primeiro, entretanto, de assumir que vida e obra, no caso de um autor como Sade, podem nos parecer tentadoramente ligadas. Mas que isso não nos seja dado como verdadeiro – isto é, que se situe a distância efetiva entre o real e o literário –, é algo fundamental para a discussão proposta, uma vez que estamos à procura do escritor, não confundindo sua obra com a vida de Donatien Alphonse François de Sade, o homem.

Isso porque algo de muito marcante se dá na literatura sadiana, esta que, como nos atestam as epígrafes de Beauvoir e de Lacan, realiza o erotismo e nos pede que nos coloquemos em dia com nossos desejos. Ora, uma tal literatura não é escrita a título de alegre entretenimento, não é algo que se atravessa sem ganhar nenhuma marca. Pelo contrário, parece-nos que é com o desencadeamento da experiência literária de dissolução do eu, como a quis Blanchot (1997), que Sade obtém seu êxito como escritor.

Que exista nisso alguma perturbação, tal qual escreve Lacan, talvez seja parte do processo, do fora-de-si que constitui essa experiência e a torna também tão fascinante. Admitamos, então, que em matéria de perturbação poucas obras podem pretender alcançar

uma eficácia como a de Sade, visto que o conjunto de sua literatura, dos *120 Dias de Sodoma* ao célebre *Justine*, alça-o à categoria de grande escritor, ou “escritor por excelência”, como escreve Blanchot em *A parte do fogo* (1949):

Sade é o escritor por excelência; ele reuniu todas as contradições do escritor. Só: de todos os homens o mais só e, contudo, personagem público e homem político importante, perpetuamente preso e absolutamente livre, teórico e símbolo da liberdade absoluta. [...] Nada mais que um escritor, ele representa a vida elevada até a paixão, a paixão transformada em crueldade e loucura (BLANCHOT, 1997, p. 309-310).

A solidão de Sade, reforçada por seus anos como pária social e presidiário, mais que uma infeliz fatalidade, parece a Blanchot a condição mesma de sua escrita. Para este teórico, a solidão é a exigência mínima para que um escritor venha a sê-lo, como confirma em *O espaço literário*/1955: “escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça” (BLANCHOT, 1987, p. 24). Assim, para Sade, a reclusão e a necessidade de recolhimento são parte da sua biografia – de Salpetrière à Bastilha – tanto quanto dos cenários ficcionais que inventou: monastérios isolados, fortalezas impenetráveis e celas de prisões são os locais privilegiados para o desenrolar dos atos de seus libertinos, que não podem prescindir do isolamento propiciado pela solidão para cumprir livremente com seus desejos.

Pode-se mesmo dizer que a filosofia da obra de Sade se firma na dependência dessa solidão, que é também liberdade. Contudo, a natureza dessa liberdade é a do indivíduo, uma liberdade hedonista que desconsidera quase que por completo o direito e o desejo do outro. É novamente Blanchot, em *Lautréamont et Sade* (“Lautréamont e Sade”/1949), quem o diz com todas as letras:

Essa filosofia é uma do interesse próprio, ou seja, do completo egoísmo. Cada um de nós deve fazer o que nos agrada, cada um de nós não tem outra lei senão nosso próprio prazer. Essa moralidade é fundada no fato primário da absoluta solidão (BLANCHOT, 2004, p. 10, grifo meu).²

Ainda assim, a despeito do que se critique quanto ao seu individualismo, do par egoísmo-solidão, a obra de Sade nos obriga a testemunhar o esforço de uma liberdade levada ao extremo, que, por isso mesmo, não pode ter em seu horizonte outro destino senão o mais fatal: a morte; pois a liberdade, no limite, é justamente a afirmação desse direito. Por isso mesmo, é uma literatura do Terror, uma literatura *terrorista* – e, portanto, *revolucionária*, que embora tente privar o outro do seu direito à subjetividade, tratando-o como objeto passivo de seu desejo, também não se opõe a que outros o façam.

Quanto a isso, é de notável precisão da forma como o escritor Aldous Huxley descreve a literatura e os propósitos da doutrina de Sade:

Vivendo, como viveu, num período revolucionário, o Marquês de Sade fez uso, com muita naturalidade, dessa teoria das revoluções para racionalizar seu tipo peculiar de insanidade. Robespierre realizara a

² Todas as traduções para o português, cujo(a) tradutor(a) não foi indicado(a) são de minha autoria, sendo o trecho original indicado em nota de rodapé.

This philosophy is one of self-interest, then of complete egoism. Each of us must do what pleases us, each of us has no other law but our own pleasure. This morality is founded on the primary fact of absolute solitude.

espécie de revolução mais superficial, a política. Penetrando um pouco mais, Babeuf tentara a revolução econômica. Sade considerava-se o apóstolo da revolução verdadeiramente revolucionária, que iria além da mera política e economia – a revolução dos indivíduos, homens, mulheres e crianças, cujos corpos se tornariam, de então em diante, a propriedade sexual comum [...]. Entre a doutrina de Sade e a revolução verdadeiramente revolucionária não há, por certo, nenhuma relação necessária ou inevitável: Sade era um lunático, e a meta mais ou menos consciente de sua revolução eram a destruição e o caos universal (HUXLEY, 2016, p. 11, grifo meu).

Entretanto, se a obra de Sade possui derramamentos de sangue intermináveis, que chegam até mesmo a se tornar repetitivos e fastidiosos para o leitor, Sade jamais esteve de acordo com a pena capital, o instrumento último do terrorismo, o direito ao necropoder. Simone de Beauvoir escreve, em *Deve-se queimar Sade?*/1953: “o que ele [Sade] mais odiou na velha sociedade foi a pretensão desta, e da qual ele foi vítima, de julgar e punir: de modo algum poderia desculpar o Terror” (BEAUVOIR, 1961, p. 18-19).

Como um defensor da liberdade irrefreável, Sade viveu isolado até mesmo daqueles que derrubaram o sistema que o condenou ao encarceramento e à solidão, desafiando a máxima do provérbio que diz que o inimigo do meu inimigo é meu amigo. Isso porque sua filosofia prescinde de todo acordo entre homens, todo pacto de vida social – embora esteja, na literatura, repleta de repetições e rituais que evidenciam como o regulamento ainda se faz necessário, mesmo entre os libertinos. Para Sade, não há motivo para que os homens se considerem próximos uns dos outros, nem que demonstrem entre si ternura ou gratidão. Pela lógica de Sade, não há nada que o una ao outro.

Seu desprezo pela sociedade, suas regras e instituições referem-se ainda a uma indignação contra a lei, pois, de acordo com ele, “nada detém a lei, porque nada está acima dela, e, portanto, ela está sempre acima de mim. É por isso que, mesmo quando a lei me serve, ela me oprime” (BLANCHOT, 2004, p. 15, grifo meu).³ Quanto a esse aspecto, ele se alinha melhor que qualquer de seus contemporâneos com o ideal ético de escritor que aponta Silvina Rodrigues Lopes, quando diz: “a ética do escritor não consiste [...] em se subordinar a uma Lei prévia, mas em construir ficções que suspendem a relação imediata com qualquer situação moral ou política determinada” (LOPES, 1994, p. 263), e, nesse sentido, não se pode negar a Sade o mérito de colocar veementemente em questão as situações morais e políticas então vigentes.

Também com relação à lei, o que Sade pode ter visto na Revolução, que por algum tempo teria lhe trazido um sentimento de afinidade, foi a possibilidade de *abolir* as leis, de criar um sistema livre delas (BLANCHOT, 2004, p. 15). Porém, com o desenrolar dos eventos que sucederam a Revolução, e o advento do Terror, o que restou foi desilusão – pois, no lugar do conjunto de leis que antes vigorava, instauraram-se outras, novas, e não o desejado mundo fora-da-lei, o mundo sem-lei que Sade desejaria.

Também por meio da pornografia literária, Sade apresenta um retrato cáustico da tirania, distinguindo-se de outros autores pornográficos para os quais a literatura teria função de excitar sexualmente o leitor e lhe servir de afrodisíaco à imaginação. Não Sade: no conjunto de sua obra, as representações ligadas ao campo da sexualidade estão sempre

³ *Nothing arrests the law, because there is nothing above the law, and therefore, it is always above me. This is why, even if the law serves me, it oppresses me.*

alinhas às relações de poder, como sustenta Angela Carter no livro *The sadeian woman* (“A mulher sadiana”/1979):

Ele [Sade] descreve relações sexuais no contexto de uma sociedade coagida como expressão de pura tirania, geralmente de homens sobre mulheres, às vezes de homens sobre homens, às vezes de mulheres sobre homens e outras mulheres; a única constante em todas as monstruosas orgias de Sade é que a mão com o chicote é sempre a mão que possui o verdadeiro poder político, e a vítima é a pessoa que tem pouco ou nenhum poder, ou que o teve tirado de si. Nesse esquema, masculino significa tirano, e, feminino, martirizado (CARTER, 1979, s/p).⁴

À vista dessa relação simbólica, também se explica porque multiplicam-se, em seus livros, figuras aristocráticas e poderosas como clérigos e nobres, dentre os quais não escapam nem mesmo reis e papas. Do outro lado, está Justine, a virtuosa, caridosa e beata, humilde além do razoável, miserável e dócil como quem ama o sofrer. Embora passe de desventura a desventura quase ininterruptamente, até que sua irmã “má”, Juliette, a resgate de um destino cruel, Justine jamais perde a fé de que sua bondade a recompensará por toda injustiça – grande ironia de seu criador, um ateu convicto.

Não poderia ser de outro modo, pela filosofia sadiana, que os destinos das duas irmãs se apartariam: logo que se descobrem órfãs e expulsas do convento em que moravam, Juliette decide ir para um bordel iniciar a vida como prostituta, vende sua virgindade a dezenas de clientes, enriquece, aprende a roubar, matar e conquistar favores; Justine, horrorizada com o torpe prospecto, segue seu rumo pedindo abrigo de casa de casa, disposta a trabalhar duro para ganhar pouco como criada onde quer que fosse. Mas o destino, ou Providência, como Sade o refere, não permite que ela viva tranquilamente, e a recompensa por sua virtude é uma série de espancamentos, estupros e abusos, que a acompanham onde quer que ela se encontre.

É desse modo que Sade deixa claro: àquele que agarra o poder inescrupulosamente, seguem riquezas e prazeres; ao que prefere se humilhar em prol de uma idealizada virtude, apenas infortúnios. Porém, tanto uma como outra não são capazes de uma equilibrada e verossímil complexidade, estão em opostos de uma balança imaginária em que “Justine é a tese, Juliette a antítese; ambas sem esperança e sem dar atenção a um futuro em que haja a possibilidade de síntese entre seus modos de ser, nem submisso nem agressivo” (CARTER, 1979, s/p).⁵

Tese e antítese, as irmãs de *Os infortúnios da virtude* e *As prosperidades do vício* teriam dado ensejo a uma série paradigmática de mulheres que tendem a seguir um ou outro desses pólos, a santidade ou a perversão, como afirma Carter, elegendo a persona pública de Marilyn Monroe como herdeira de Justine, enquanto executivas *sexy* e glamourosas, bem como as mulheres das capas de revistas como a *Cosmopolitan*, tomariam lugar como netas de Juliette.

⁴ He [Sade] describes sexual relations in the context of an unfree society as the expression of pure tyranny, usually by men upon women, sometimes by men upon men, sometimes by women upon men and other women; the one constant to all Sade's monstrous orgies is that the whip hand is always the hand with the real political power and the victim is a person who has little or no power at all, or has had it stripped from him. In this schema, male means tyrannous and female means martyred.

⁵ Justine is the thesis, Juliette the antithesis; both are without hope and neither pays any heed to a future in which might lie the possibility of a synthesis of their modes of being, neither submissive nor aggressive.

Para Carter, no entanto, não é o caso de se livrar de Justine tomando o partido de Juliette – esse ser misto de anjo e mostro destinado a renovar o mundo, como teria querido Apollinaire, pela descrição que faz dela na introdução à obra do marquês de Sade (1909):

Justine é a mulher antiga, submissa, miserável e menos que humana; Juliette, ao contrário, representa a nova mulher que ele [Sade] vislumbrava, um ser do qual ainda não temos ideia, que se afasta da humanidade, que terá asas e renovará o universo (APOLLINAIRE, 1909/2020, p. 18).⁶

Carter, pelo contrário, lê em cada uma delas a tentativa de sobreviver – e, no caso de Juliette, prosperar – num mundo dominado pelo despotismo e abuso. Porém, ao passo que Justine se ampara na virtude, e é martirizada, Juliette aprende que “para escapar à escravidão, deve abraçar a tirania” (CARTER, 1979, s/p).⁷

De fato, no lugar de antítese, Juliette entra no mundo da ação e da transformação. Diferentemente de sua irmã, que sempre hesita quando convocada a transformar sua realidade, Juliette está pronta para colocar o mundo para girar, para comandá-lo segundo os anseios do seu próprio desejo. Como uma libertina, tudo o que lhe acontece de mal – que, aliás, também acontece a Justine – não deixa de ser o preço do seu prazer, e fonte dele.

Blanchot propõe, por sua vez, que para Sade nenhum mal pode acometer um homem soberano, pois ele é capaz de tirar prazer de tudo (BLANCHOT, 2004, p. 20). Se chicoteia, sente prazer, mas se o destino vira as cartas e é ele o chicoteado, esse prazer ainda se faz presente. Juliette, nesses termos, é uma das personagens sadianas a quem isso parece se aplicar, e ela usa de sua sexualidade livremente para conseguir o que quer, sem se importar se, no caminho, deve cometer coprofagia, tortura, estupro ou assassinato.

Assim, a sexualidade de Juliette, e dos demais libertinos de Sade, é outra face do Terror: sua razão é o direito de matar. Isso também nos confirma Bataille, em *O erotismo* (1957), quando escreve que, a partir de Sade, “o movimento do amor, levado ao extremo, é um movimento de morte” (BATAILLE, 2017b, p. 65), aproximando, como os versos de Baudelaire, o ato do amor do da tortura (BAUDELAIRE, 2018, s/p).

No universo literário de Sade, de fato, o mundo é um grande açougue, reino de excrementos, fluidos e sangue – primado da escatologia –, mas, sobretudo, da carne, à qual se inflige toda sorte de dor. Nesse mundo, como articula Carter, as diferenças de poder entre os sexos fazem com que os homens estejam para carnívoros como as mulheres estão para herbívoros – à exceção daquelas que passam para o lado dos leões, como faz Juliette.

Para o herói ou heroína sadiana – assim como para o carnívoro –, “é dilacerada e sangrenta que a carne se revela como carne da maneira mais dramática” (BEAUVOIR, 1961, p. 25). Em línguas como o inglês e o francês, há até mesmo uma diferença lexical entre a carne viva do corpo (*flesh/ chair*) e a carne morta (*meat/ viande*) abatida para o consumo.

Carter destaca essa diferença, ao apontar que

⁶ *Justine, ce l'ancienne femme, asservie, misérable et moins qu'humaine; Juliette, au contraire, représente la femme nouvelle qu'il [Sade] entrevoyait, un être dont on n'a pas encore idée, qui se dégage de l'humanité, qui aura des ailes et qui renouvellera l'univers.*

⁷ *To escape slavery, she must embrace tyranny.*

Sade explora as inumanas possibilidades sexuais da carne morta [*meat*]; é um erro acreditar que a substância de que seus personagens são feitos é carne viva [*flesh*]. Não há nada de vivo ou sensual neles. Sade é um grande puritano e vai desinfetar a sensualidade de qualquer coisa em que ponha as mãos; por isso, ele escreve sobre relações sexuais em termos de carnificina e carne de açougue (CARTER, 1979, s/p, grifo meu).⁸

Naturalmente, a ideia de que Sade seja um puritano pode parecer estranha, até mesmo contraditória, à luz dos crimes e orgias monstruosas que aparecem exaustivamente em seus livros, indicando, ainda que escorregadiamente, suas predileções no campo sexual. Contudo, para nossa surpresa, não apenas Carter como muitos outros de seus leitores chegaram à mesma conclusão. Beauvoir escreve: “é mais como moralista do que como poeta que Sade tenta quebrar a prisão das aparências” (BEAUVOIR, 1961, p. 58, grifo meu). Blanchot, por sua vez, diz que “existe em Sade um moralista puramente tradicional” (BLANCHOT, 2004, p. 39, grifo meu). Por fim, juntando-se ao coro, Lacan, em *Kant com Sade* (1963), confirma o veredicto da submissão de Sade à Lei (do Pai) (LACAN, 1998, p. 802, grifo meu).⁹

Estariam todos loucos? Não parece ser o caso. A conclusão de Lacan vem do fracasso na sedução da mãe, no enredo de *A filosofia na alcova*, em que Madame de Mistival é estuprada pela filha, Eugénie, e no momento em que a sedução poderia se completar (com seu consentimento), ela perde a consciência e desmaia. Assim, a realização do desejo edípico não chega a cabo, de modo que Lacan sentencia que, mesmo para Sade, a mãe permanece interdita, de modo que também ele está inscrito na Lei do Pai.

A seu turno, Blanchot defende que, pelo espírito da negação, Sade buscou da forma mais extensiva a soberania, negando, para isso, Deus, a natureza e os homens (BLANCHOT, 2004). Sade seria, nesses termos, o mais autêntico entre os homens, mais próximo da verdade do sadismo que o homem comum, a quem ajuda a fazer conhecer, ainda que a lógica de seu pensamento não seja viável, plausível – ou desejável.

Finalmente, é a defesa de Beauvoir a que me parece mais instigante, pois aposta suas fichas na ideia de que a escolha de Sade é, antes de tudo, ética, forma de confronto contra a imoralidade que a própria sociedade hasteia:

Numa sociedade criminoso, é preciso ser criminoso. Esta fórmula resume sua ética. Pelo crime, o libertino recusa toda cumplicidade com as torpezas do dado, de que a massa é apenas o reflexo passivo, portanto abjeto; ele impede a sociedade de adormecer na injustiça e cria um estado apocalíptico que obriga todos os indivíduos a assumir, numa tensão incessante, sua separação, e, portanto, sua própria verdade (BEAUVOIR, 1961, p. 58, grifo meu).

Mesmo reconhecendo a legitimidade e o valor incomparável de sua obra, permanecemos longe de encontrar a solução para as contradições deste enigma que foi Sade, e não é fácil lhe dar nossa simpatia, a ele que deseja dispor do outro sem empatia ou

⁸ *Sade explores the inhuman sexual possibilities of meat; it is a mistake to think that the substance of which his actors are made is flesh. There is nothing alive or sensual about them. Sade is a great puritan and will disinfect of sensuality anything he can lay his hands on; therefore he writes about sexual relations in terms of butchery and meat.*

⁹ Ou seja, para Lacan, Sade atravessou, como se esperava, o complexo de Édipo, que lhe nega a mãe e submete ao pai, por medo da castração. Quanto a isso, seu desenvolvimento é típico do padrão neurótico – e não, como se poderia supor, “totalmente” perverso.

consentimento, e para quem palavras como altruísmo e generosidade não são senão provas de fraqueza.

Ainda assim, a lógica aberrante desse pensamento – o combate do fogo com fogo – , pode ser inebriante e causar algum fascínio. Bem como Bataille se pergunta, na seção dedicada a Sade de *A literatura e o mal* (1957), também nos perguntamos: “como ele [Sade] ousou? sobretudo, por que *teve* de ousar? Aquele que escreveu essas páginas aberrantes o sabia, estava indo o mais longe que é imaginável ir” (BATAILLE, 2017a, p. 114).

A escrita de Sade – sua solidão, sua paródia brutal das relações de poder entre os homens – se fez necessária, “teve de ousar”, por ser sua interminável busca pela liberdade, a razão última de seu confronto com uma sociedade coagida e coercitiva. É nesse sentido que (diferentemente da realidade dos crimes cometidos de fato, como o açoitamento da mendiga Rose Keller e o caso dos bombons cantaridados – dados a prostitutas para que tivessem gases), a literatura de Sade pode dar vazão a alguns dos impulsos mais agressivos a que viemos, merecidamente, chamar de sádicos, mas de maneira sublimada, não ferindo o direito e o corpo de ninguém, a não ser o corpo literário e ficcional de seus personagens.

Não por menos, Blanchot sustenta que, ao escrever, Sade realizou sua própria terapia (BLANCHOT, 2004), dando lugar às suas obsessões e à lógica que ele tão obcecadamente descreve e tenta sustentar. Por meio da literatura, que não derrama uma única gota de sangue, Sade tentou fazer cair a máscara de uma sociedade que barra o desejo enquanto consente com a injustiça, a desigualdade e a tirania.

Sade, de alguma maneira, evidencia como a sexualidade, que nos parece tão individual, também se espelha nas macroestruturas e no desnível de poder entre os homens (e mulheres), este sendo, portanto, o verdadeiro problema. Cada um que se ocupe do seu desejo, – sem perder de vista que ele não é esterilizado, inócuo e realizado no vácuo – está sempre em contato com as relações de classe, gênero e cultura, indissociavelmente ligado a estes fatores.

Contudo, por suas preferências sexuais, sobretudo as imaginárias, Sade teve sua liberdade tolhida, aí a grande tirania contra a qual se opõe: como Lacan aponta, “é a liberdade de desejar que [em Sade] constitui um fator novo, não por inspirar uma revolução – é sempre por um desejo que se luta e se morre –, mas pelo fato de essa revolução querer que sua luta seja em prol da liberdade do desejo” (LACAN, 1998, p. 797).

Em sua loucura, Sade produziu uma filosofia – enviesada, impraticável e indesejável, mas autêntica – que apenas após anos de crítica pôde sair do seu recanto obscuro, embora não se possa dizer que se tenha esclarecido por inteiro o sentido da sua obra.

De Beauvoir a Carter, além dos que não foram contemplados neste trabalho, como os de Klossowski, Breton e Barthes, Sade deixou a marca do “escritor por excelência” que quis Blanchot, transformando irremediavelmente seu presente e futuro.

Em tempo, apesar da distância que nos separa de Sade, por quase 300 anos e um oceano, a luta pela liberdade do desejo resiste, enfrentando movimentos reacionários e conservadores – e Sade ainda é tão necessário como sempre foi.

Referências

- APOLLINAIRE, Guillaume. Introduction. In: SADE, Marquis de. **L'oeuvre du marquis de Sade**. Paris: Bibliothèque des Curieux, 1909. Edição digital. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6465>. Acesso em: 06 out. 2020.
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.
- BAUDELAIRE, Charles. **Meu coração desnudado**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. Edição Kindle.
- BEAUVOIR, Simone de. Deve-se queimar Sade? In: SADE, Marquês de. **Novelas**. Tradução Augusto de Souza. São Paulo: Divisão Européia do Livro, 1961. p. 5-67
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. Sade's reason. In: **Lautréamont and Sade**. Tradução Stuart Kendall e Michelle Kendall. Stanford, California: Stanford University Press, 2004.
- CARTER, Angela. **The Sadeian Woman: An Exercise in Cultural History** (Virago Modern Classics) . London: Little, Brown Book Group, 1979. Edição Kindle.
- HUXLEY, Aldous. Prefácio. In: **Admirável mundo novo**. Tradução Lino Vallandro, Vidal Serrano. São Paulo: Mediafashion, 2016.
- LACAN, Jacques. Kant com Sade. In: **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LOPES, Silvina Rodrigues. **A legitimação em literatura**. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.
- SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova ou os preceptores imorais**. São Paulo: Iluminuras, 2014. Edição digital.
- SADE, Marquês de. **Histoire de Juliette ou les prospérités du vice**. Edição Kindle.
- SADE, Marquês de. **Os infortúnios da virtude**. São Paulo: Iluminuras, 2016. Edição digital.